

Maior autonomia curricular abre portas ao ensino da obra de Bento da Cruz nas escolas

Ainda é um conceito mal definido, mas é intenção do Ministério da Educação que 25% do currículo escolar seja gerido pelas escolas de acordo com os interesses da comunidade educativa. Esta maior autonomia para gerir de forma flexível a matriz dos programas pode, por exemplo, contemplar a introdução de assuntos locais nas aulas de, por exemplo, Português e História.

Assim sendo, nas aulas de Português, que é o que agora importa, uma pequena parte do programa poderia ser dedicada à leitura e estudo de autores locais. No campo da prosa (deixemos agora de parte a lírica, quer a lírica popular recolhida em romances, quer a lírica de autor), a obra ficcional de Bento da Cruz não tem rival à altura, pelo que, caso este projecto tenha pernas para andar, este autor deverá ser unanimemente aceite sem qualquer oposição.

Todavia, esta gestão curricular, que passaria por contemplar, de forma pouco extensa, os melhores autores locais, não implicaria de forma alguma prescindir dos autores nacionais e universais, mas antes reajustar os programas para neles integrar os novos autores. Por certo que seria forma agradável de desenvolver em ambiente de aula o incremento da leitura, a prática da oralidade e da escrita e a interpretação textual, enfim, combater o insucesso escolar, por esses serem assuntos mais próximos e certamente mais interessantes do universo dos nossos estudantes.

Fixando-me agora na obra de Bento da Cruz e deixando de parte a lírica local, seria este o meu projecto educativo no que à disciplina de Português diz respeito: escolheria para os alunos de II Ciclo (ou até final de I ciclo) algumas das crónicas dos “Prolegómenos”, dada a brevidade, encanto, moralidade que delas se tira e proximidade com o universo da fábula, que muito diz a estas idades. Para os estudantes do III Ciclo reservaria alguns contos, já que este género é abordado no 7.º e 8.º ano e Bento da Cruz tem aí rica obra. E para os estudantes do Secundário, mais maduros, reservaria uma das obras de maturidade: ou “A Loba” ou “A Fárria”, as quais podem perfeitamente ser cruzadas com os autores nacionais.

Como em Gil Vicente ou em Camões, “A Fárria” retrata localmente o modo de ser português e o seu anti heroísmo: a esperteza salaia, a propensão para violar as regras e a embriaguez perante a fartura; como no passado as especiarias ou o ouro do Brasil, assim no presente o volfrâmio não serviu para o crescimento económico e social, mas para a ostentação e dissipação bizarra.

Com “A Loba” o universo é outro e igualmente actual, embora o problema tenha sido atenuado no Ocidente: a condição subalterna da mulher e a violência sexual que a destrói moral e socialmente, situação que tem paralelo como a “status” da criança, igualmente posta em grande perigo pela sociedade. Não conseguindo virar a situação

a seu favor, num mundo masculino, e não se prevendo uma revolta feminina, ela terá de recorrer à matreirice ou às táticas masculinas para sobreviver, caso contrário espera-a a angústia ou o aniquilamento.

Para lá do projecto educativo brevemente apresentado, seria importante que o Agrupamento de Escolas, já que Bento da Cruz é o seu patrono, providenciasse para que uma das obras de maturidade antes apresentadas, ou outra, fizesse parte do Plano Nacional de Leitura e, dessa forma, pudesse ser lida por qualquer aluno português. Sem dúvida que os nossos estudantes apreciariam mais um autor local, cuja afinidade com o mundo campestre da aldeia e as histórias verídicas dos avós é flagrante, do que por exemplo a obra de um Dan Brown. Se o PRÉMIO LITERÁRIO DR. BENTO DA CRUZ se concretizar, quer seja anual ou, de preferência, bianual, quer seja relativo a obra inédita ou, melhor ainda, a obra publicada, então o nome deste autor chegará a muitos mais leitores.

Os dois livros de monografia histórica: “Victor Branco – Escritor barrosão” e “Guerrilheiros Antifranquistas em Trás-os-Montes”, são um caso à parte no panorama da obra de Bento da Cruz dada a sua dimensão histórica (e já não ficcional) e visão de homem de Esquerda e inflexível com os agentes locais da ditadura, de quem deu uma visão corrosiva. Mesmo admitindo que o autor quis

redigir monografias históricas e dar uma ideia aproximada dos eventos, não deixam de acusar sobremaneira as tendências políticas do autor, republicano e de esquerda, pelo que, podendo dar uma ideia parcial dos eventos que retratam, têm de ser lidos com reserva e algum distanciamento crítico. No caso de “Guerrilheiros Antifranquistas...”, por exemplo, só foram aceites, para a sua composição, fontes republicanas, pelo que este livro, como documento histórico, enferma de plenitude.

Acerca deste livro de Bento da Cruz, como já disse noutra crónica, recaíram suspeitas de plágio, provindas de pessoas próximas do Padre Domingos Barroso. Nunca ficámos a saber porque é que uma pessoa credível e bem identificada lançou suspeitas sobre a obra e deu conhecimento do facto à família do Padre Domingos, a qual as aceitou como se fossem verdadeiras.

Eu interessei-me pelo assunto por já ter trabalhado com o plágio e com a linguística forense. Ora, indagando acerca da ideologia, do estilo ou do vocabulário, a crítica filológico-literária atribui-o no seu todo, sem sombra de dúvidas, a Bento da Cruz. Ideologicamente, faz-se “de fio a pavio” a apologia do bandoleiro antifranquista, a que eufemisticamente se chama “guerrilheiro” (mas é duvidoso e controverso), coisa que o Padre Domingos nunca faria. Estilisticamente, predomina o estilo narrativo de Bento da Cruz, por vezes com tiradas elegantes, ao passo que o estilo do Padre, igualmente

cuidado, é mais prosaico. Vocabularmente, também é o vocabulário típico de Bento da Cruz e não o vocabulário mais arcaizante do Padre Domingos.

Há proximidade entre este livro e outro de Bento da Cruz: “Ao longo da fronteira”, depois alterado para “O lobo guerrilheiro” (e por alguns considerado o “opus magnum” – a obra maior de Bento da Cruz, especialmente pelos prémios que alcançou), onde predomina a mesma ideia romântica do bandoleiro, a que se chama “guerrilheiro”.

Há ainda outra série de razões, igualmente importante, que provam ser de Bento da Cruz, como o testemunho das pessoas que acompanharam a redacção do livro ao longo de vários anos e que confessam o trabalho que deu ao seu autor; a família do autor que possui cadernos de apontamentos e uma versão anterior e não definitiva deste livro. Este aspeto, também válido para outras obras, é de interesse para os investigadores porque permite fazer um estudo genético das obras de Bento da Cruz. Mais ainda: as fotografias no livro que mostram o autor no Cambedo rodeado de informantes; e ainda o testemunho daqueles que viram os maços de folhas dos processos do bandoleiro Demétrio e de José Pereira, de Lamachã, que foi uma das fontes principais do livro.